

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 24/01/2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP

ERICK QUINTAS CORRÊA



**DEBORD:** Crítica e crise da sociedade do espetáculo.

ARARAQUARA – SP

2017

## **DEBORD:** Crítica e crise da sociedade do espetáculo.

Trabalho de Conclusão de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Cultura, Democracia e Pensamento Social.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Ribeiro do Valle.

**Bolsa:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Corrêa, Erick  
DEBORD: Crítica e crise da sociedade do espetáculo  
/ Erick Corrêa — 2017  
156 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) —  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)  
Orientador: Maria Ribeiro do Valle

1. Debord, Guy. 2. Espectáculo. 3. Crise. 4. Esquerdismo. 5.  
Situacionismo. I. Título.

**Resumo:** A crítica histórica e estratégica de Guy Debord (1931-1994), o mais influente membro da Internacional Situacionista (1957-1972) – organização inscrita na corrente esquerdista do moderno movimento revolucionário europeu –, ocupa um lugar único no mapa intelectual e político da última metade do século XX. *Verdadeiramente contemporânea, singularmente profética*, a crítica teórica de Debord é efetivamente inseparável de sua crítica prática à sociedade do espetáculo, identificada com a modernidade capitalista e tardocapitalista em sua totalidade. O objetivo do presente estudo é apresentar a trajetória crítico-prática de Debord elucidando particularmente a forma singular com que os diagnósticos e prognósticos apresentados em seus dois principais livros teóricos de crítica social, *A sociedade do espetáculo* (1967) e *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988), seriam historicamente verificados corretos em duas conjunturas distintas, primeiramente na/pela crise explosiva de 1968 e, mais tarde, na/pela crise implosiva de 1989. A hipótese central é a de que existe uma *continuidade teórica e metodológica* entre os textos de 1967 e 1988, diferentemente de outras interpretações acadêmicas que, ao assinalarem uma suposta “ruptura” das teses “pós-modernas” de 1988 com o “marxismo” das teses originais de 1967, indicam a existência de uma descontinuidade entre elas. Demonstra-se como há, entre as teses sessentistas e oitentistas de Debord, uma *descontinuidade* que é, contudo, de ordem estritamente *temática*, condicionada pelo desenrolar do próprio processo histórico ao qual se vinculam concretamente. Demonstra-se, além disso, como o texto de 1988 reflete criticamente as soluções regressivas encontradas pelo capital e pelo Estado na gestão e resolução da crise revolucionária detonada internacionalmente em torno de 1968, particularmente na França e na Itália. Apesar de concentrar-se nos dois textos considerados os principais do ponto de vista de seu acabamento teórico-conceitual, o presente estudo apreende a obra de Guy Debord como uma substância sem partes, isto é: desde um ponto de vista que suprime radicalmente a separação entre estética e política, teoria e prática, biografia e história. Para tanto, procede-se à uma investigação heurística que se vale de modo equivalente tanto dos textos teóricos como políticos de Debord, de seus filmes, bem como das suas volumosas correspondências, especialmente aquelas dos anos 1960, 1970 e 1980: período este que, afinal, delimita historicamente o arcabouço teórico e temático compreendido nesta pesquisa.

**Palavras-chave:** Guy Debord; espetáculo; crítica; crise; esquerdismo; situacionismo.

**Abstract:** Guy Debord (1931-1994) is the most influential member of the International Situationist (1957-1972) – a political organization inscribed in the leftist current of the modern european revolutionary movement. Debord's historic and strategic critique occupies a singular place in the political and intellectual map in the last half of 20th century. *Truly contemporary, singularly prophetic*, his theoretical critique is effectively inseparable from his practical critique of the society of the spectacle, which is identified to the capitalist and tardo capitalist modernity in its totality. The aim of this work is to present Debord's critical and practical path elucidating, particularly, the singular form with which the diagnosis and the prognosis presented in his two main theoretical books on social critique, *The Society of the Spectacle* (1967) and *Comments on the Society of the Spectacle* (1988), would be historically verified as correct in two distinct conjunctures: at first in/through the explosive crisis of 1968 and, later, in/through the implosive crisis of 1989. The central hypothesis is that there is a *theoretical and methodological continuity* between his works from 1967 and 1988, differently of other academic interpretations that, by pointing out a supposed “rupture” between the “postmodern” theses of 1988 and the “marxism” of the original theses of 1967, indicated the existence of a discontinuity between them. It is demonstrated that there is, between the 1967 and 1988 theses, a *discontinuity* that is, however, strictly *thematic*, conditioned by the course of the historical process to which it is concretely linked. Furthermore it is demonstrated how the 1988 text reflects critically the regressive solutions found by the capital and by the government in the management and resolution of the revolutionary crisis internationally detonated in 1968, particularly in France and Italy. In spite of concentrating in the two axes considered the main ones from the point of view of their theoretical-conceptual final touch, this study tries to learn Guy Debord's work as substance with no parts, i.e., since a point of view that suppress radically the separation between aesthetic and politics, theory and practice, biography and history. Therefore, it was preceded an heuristic investigation that uses in an equivalent way both Debord's theoretical and political texts, his films, as well as his voluminous correspondences, specially the ones from the 1960's, 1970's and 1980's: a period that, after all, delimits historically the theoretical and thematic framework of this research.

**Key-words:** Guy Debord; spectacle; critique; crisis; leftism; situationism.

**Résumé:** La critique historique et stratégique de Guy Debord (1931-1994), le plus influent membre de l'Internationale Situationniste (1957-1972) – une organisation qui appartient au courant gauchiste du mouvement révolutionnaire européen moderne –, occupe une place unique dans la carte intellectuel et politique de la dernière moitié du XXe siècle. *Vraiment contemporaine, singulièrement prophétique*, la critique théorique de Debord est effectivement inséparable de sa critique pratique de la société du spectacle, identifiée à la modernité capitaliste et tardo-capitaliste dans sa totalité. L'objectif du présent étude est de présenter la trajectoire critique-pratique de Debord, en élucidant particulièrement la forme singulière dont les diagnostics et pronostics présents dans ses principaux livres théoriques de critique sociale, *La société du spectacle* (1967) et les *Commentaires sur la société du spectacle* (1988), seraient historiquement vérifiés comme corrects dans deux conjonctures distinctes, premièrement dans/pour la crise explosive de 1968 et, plus tard, dans/pour la crise implosive de 1989. L'hypothèse centrale est qu'il y a une *continuité théorique et méthodologique* parmi les textes de 1967 et 1988, à la différence d'autres interprétations académiques qui, en relevant une "rupture" supposée des thèses "postmodernes" de 1988 avec le "marxisme" des thèses originales de 1967, indiquent l'existence d'une discontinuité parmi eux. On montre l'existence, parmi les thèses de Debord des années soixante et quatre-vingt, d'une *discontinuité* qui est, cependant, d'ordre strictement *thématique*, conditionnée par le déroulement du propre procès historique auquel elles se sont concrètement liées. On démontre, en outre, comme le texte de 1988 reflète critiquement les solutions régressives trouvées par le capital et l'État dans la gestion et la résolution de la crise révolutionnaire qui a explosé internationalement autour de 1968, particulièrement en France et en Italie. Bien qu'on concentre l'analyse dans les deux textes considérés les principaux du point de vue de son achèvement théorique et conceptuel, cette étude appréhende l'œuvre de Guy Debord comme une substance sans parties, c'est-à-dire: d'un point de vue qui supprime radicalement la séparation entre esthétique et politique, théorie et pratique, biographie et histoire. Pour le faire, on procède à une investigation heuristique qui utilise de façon équivalente tant des textes théoriques que politiques de Debord, ses films, aussi bien que ses volumineuses correspondances, spécialement celles des années 1960, 1970 et 1980: une période qui, après tout, délimite historiquement le cadre théorique et thématique de cette recherche.

**Mots-clés:** Guy Debord; spectacle; critique; crise; gauchisme; situationnisme.

*Para meus pais, Antonio e Magda.*



Que um homem resista à totalidade da sua época, que a faça deter à porta e a obrigue a prestar contas, eis o que exerce forçosamente influência! Que ele o queira, importa pouco; que ele o possa, eis o ponto principal.

Friedrich Nietzsche. *A gaia ciência* (1882).

Não há nada mais natural que alguém enxergar todas as coisas a partir de si, considerando-se o centro do mundo. Assim procedendo, descobre-se capaz de condenar o mundo sem nem mesmo querer ouvir seus discursos enganosos. É preciso apenas demarcar as fronteiras precisas que inevitavelmente limitam essa autoridade: seu próprio lugar no decorrer do tempo e na sociedade; o que fez e o que conheceu; suas paixões dominantes.

Guy Debord. *Panegírico* (1989).

# **DEBORD:** Crítica e crise da sociedade do espetáculo.

Trabalho de Conclusão de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Cultura, Democracia e Pensamento Social.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Ribeiro do Valle.

**Bolsa:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Data da defesa: 24/01/2017

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

### **Presidenta e Orientadora:**

Profa. Dra. Maria Ribeiro do Valle  
Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr).

---

### **Membro Titular:**

Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin  
Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr).

---

### **Membro Titular:**

Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino  
Universidade Estadual do Ceará (UECE).

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Maria Ribeiro do Valle pelo generoso trabalho de orientação. Sem o ambiente de liberdade intelectual com o qual ela me presenteou, não seria possível a realização de um estudo acadêmico sobre a obra de um autor maldito como Guy Debord. A ela devo em grande parte o desenvolvimento exitoso desta pesquisa.

Aos Professores Dr. João Carlos Soares Zuin e Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho, pelos comentários, críticas e sugestões feitos no exame de qualificação.

Ao amigo, camarada e Professor Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino, agradeço acima de tudo pela inspiração, assim como pelos preciosos comentários feitos no exame de defesa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo aporte material concedido. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr). À Milena, responsável pela Seção de Aquisição e Tratamento da Informação da Biblioteca da FCLAr, pela solicitude.

Aos amigos que, na partilha de aspirações e ações em comum, estimularam a escrita deste trabalho (ainda que não o saibam): Arnaldo, Bruno A., Bruno P., Ilana, Marcelo, Pedro, Rodrigo, M. Teresa.

À minha irmã, Amine, pelo apoio afetivo.

Aos alunos e ex-alunos de Américo Brasiliense e Ribeirão Preto.

À Natália, minha companheira, cujo amor tornou tudo possível.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....	12
1. ASPECTOS CONCEITUAIS DA CRÍTICA.....	19
1.1. Origens, aparências e contradições do espetáculo. ....	22
a) A forma concentrada.....	27
b) A forma difusa. ....	31
1.2. Modernização e unificação do espetáculo. ....	35
a) A forma integrada. ....	36
2. CRÍTICA E CRISE DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	69
2.1. <i>A sociedade do espetáculo</i> (1967) e a crise de 1968. ....	77
2.2. França e Itália pós-68: os laboratórios de um novo regime em gestação. ....	100
a) O caso francês.....	101
b) O caso italiano. ....	111
2.3. Os <i>Comentários sobre a sociedade do espetáculo</i> (1988) e a crise de 1989.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	146
FILMOGRAFIA.....	156

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Guy Debord (1931-1994) não é um autor qualquer: inclassificável, verdadeiramente contemporâneo, singularmente profético, sua crítica histórica e estratégica ocupa um lugar único no mapa intelectual e político europeu da última metade do século XX. Mais citado do que efetivamente lido, *mais conhecido como o mal do que propriamente mal conhecido na cultura moderna*<sup>1</sup>, Debord é, segundo uma enigmática alegoria de Michael Löwy, “uma máquina infernal difícil de desmontar [...] e arrisca explodir entre as mãos daqueles que a manipulam com o objetivo de torná-la inofensiva” (2002, p. 80).

A súbita referência ao comentário do sociólogo franco-brasileiro logo na introdução de um trabalho que almeja participar com autonomia como mais um interlocutor na recepção acadêmica à obra de Debord não é gratuita. Pois a escolha de tal objeto como o tema de nossa pesquisa – escolha em nada casual ou arbitrária<sup>2</sup> – não terá aqui o objetivo de “desmontá-lo”, nem de “torná-lo inofensivo”, muito pelo contrário! No presente estudo, pretendemos religar os fios soltos deste objeto “infernal”, de modo a contribuir para que sua potência crítico-destrutiva seja reativada no presente.

Não trataremos aqui de “desconstruir” nem de “reconstruir” o nosso objeto<sup>3</sup>, mas de tomá-lo como *mônada*, a exemplo do método usado por Walter Benjamin em seus estudos sobre a obra de Baudelaire<sup>4</sup>. Entendemos que esta é a única forma possível de se aproximar da crítica teórico-prática do espetáculo, tal como integralmente realizada por

---

<sup>1</sup> A boa fórmula é do artista plástico dinamarquês Asger Jorn, antigo situacionista e amigo de Debord. Cf. “Guy Debord e a questão do maldito” (Posfácio). In: DEBORD, Guy. *Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo*. Lisboa: Fenda, 1984, p. 79.

<sup>2</sup> “O historiador não escolhe ao acaso ou de maneira arbitrária seus documentos na massa inerte e infinita dos arquivos: segue o fio tênue e algo invisível das assinaturas que exigem dele a leitura aqui e agora. É precisamente a capacidade de ler estas assinaturas, naturalmente efêmeras, que determina, segundo [Walter] Benjamin, a qualidade do pesquisador” (AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum: sur la méthode*. Paris: Vrin, 2014, p. 83. Tradução nossa).

<sup>3</sup> “Procedimento conhecido, que decorre de uma ideologia, aquela que reduz os ‘objetos’ do conhecimento a um número finito de funções, de unidades discretas, de combinações [...] reproduz assim a produção do objeto técnico: desmontável e remontável” (LEFEBVRE, Henri. “Sobre uma interpretação do marxismo: Louis Althusser”. In: LEFEBVRE, H.; GOLDMANN, L.; MAKARIUS, L. *Debate sobre o estruturalismo*. São Paulo: Documentos, 1968, pp. 90-91).

<sup>4</sup> “A exigência que ele [Walter Benjamin] aqui confia a esta formulação é a de que o ponto de vista materialista da história não pode consistir em escrever uma história (marxista) da arte, uma história (marxista) da filosofia, uma história (marxista) da literatura, etc., nas quais estrutura e superestrutura, percebidas sempre como distintas, sejam depois relacionadas pela teoria na perspectiva dialética do processo global; materialista é somente aquele ponto de vista que suprime radicalmente a separação da estrutura e superestrutura porque toma como objeto único a práxis na sua coesão original, ou seja, como ‘mônada’ (mônada, na definição de Leibniz, é uma substância simples, ‘isto é, sem partes’)” (AGAMBEN, Giorgio. “O príncipe e o sapo: o problema do método em Adorno e Benjamin”. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 144).

Debord. Pois sua trajetória política e intelectual é singularmente marcada por uma coesão entre teoria e prática, estética e política, arte e vida, história e biografia.

Desde a juventude, nosso autor se autodesignava “doutor em nada”. Diferentemente da figura do *intellectual*, Debord optou pela recusa em se integrar ao capital e/ou ao Estado, conforme admite em sua autobiografia: “Nunca dei mais que pouquíssima atenção às questões monetárias e absolutamente nenhum lugar à ambição de vir a ocupar alguma brilhante função na sociedade” (2002 [1989], p. 21). Inclassificável, Debord, de fato, nunca possuiu *status* social, nem desempenhou papel institucional ou profissão alguma, ao ponto de tornar impossível isolar um aspecto parcelar do conjunto de sua obra fílmica, teórica, política, literária, artística e circunscrevê-lo em algum campo particular das ciências sociais, da filosofia, da literatura, da história da arte, do cinema, do teatro, da geografia e/ou do urbanismo<sup>5</sup>. Sua intransigente resistência ao especialismo<sup>6</sup> da moderna cultura científica torna o tratamento de sua obra, nos limites de um trabalho acadêmico, uma tarefa relativamente espinhosa, porém de modo algum impossível ou vã<sup>7</sup>.

A princípio, discordamos dos intérpretes que classificam Debord ora como um inofensivo “escritor dândi” (GUILBERT, 1996, p. 97), ora como um parcelar “crítico de arte e diretor de cinema” (FREDERICO, 2010, p. 213). Com base em um relato do filósofo italiano Giorgio Agamben<sup>8</sup>, partimos da compreensão que o próprio autor de *La*

---

<sup>5</sup> Muito embora a reflexão teórica de Debord seja hoje reconhecida como avançada, *sobretudo após a sua morte*, em cada um destes campos do saber especializado. Como disse Hannah Arendt a respeito de Walter Benjamin: “a fama póstuma é o quinhão dos inclassificáveis” (2008, p. 167).

<sup>6</sup> Nos *Comentários* de 1988, Debord afirma que “todo especialista serve ao seu senhor, pois as antigas possibilidades de independência foram reduzidas a zero pelas condições de organização da sociedade atual” (*Com.*, § VII). Em nossas citações dos livros *A sociedade do espetáculo* (1967) e *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988), usamos a edição brasileira da Editora Contraponto (de 1997), na tradução de Estela dos Santos Abreu. Tais obras serão sempre mencionadas, respectivamente, como “*SdE*” e “*Com.*”, seguidas do número correspondente ao aforismo citado.

<sup>7</sup> É notória a hostilidade que Debord assumiu publicamente pela pesquisa acadêmica (sobretudo sociológica) tanto em 1967 quanto em 1988. Entretanto, tal posição parece ter sido revista em 1989, quando confidencia a Anita Blanc: “Tenho encontrado esse Pascal Dumontier, que muito me agrada. Não tenho dúvidas de que ele perseguirá nos quadros universitários uma série de ricas pesquisas e ‘descobertas’ em torno dos movimentos de 1968; e presumo que o sucesso será grande” (*Correspondance*, vol. 7, 2008, p. 138. Tradução nossa). Diretamente auspiciada por Debord (foram vários os encontros entre o lendário situacionista e o jovem pesquisador), a pesquisa de Dumontier – desenvolvida na Faculdade de Nanterre, onde se deu a detonação do Maio de 68, como veremos mais adiante – seria publicada em 1990, sob o título *Les situationnistes et mai 1968: théorie et pratique de la révolution (1966-1972)*, pelas Éditions Gérard Lebovici.

<sup>8</sup> Em uma carta endereçada a Agamben em 6 de agosto de 1990, Debord reconhece a sua admiração pelo modo como o filósofo italiano, em suas *Glosas Marginais aos Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1990), “muito legitimamente trouxe de volta Heráclito a propósito da expropriação efetivamente total da linguagem, que precedentemente havia sido o ‘comum’” (2008, p. 212. Tradução nossa). Em 1995, alguns meses após o suicídio de Debord, Agamben dedica a publicação de uma

*Société du Spectacle* tinha a respeito de si mesmo: “Certa vez, como eu era tentado (e ainda o sou) a considerá-lo um filósofo, Debord me disse: ‘Eu não sou um filósofo, sou um estrategista’” (1998, p. 67).

Consideramos Debord, nesse sentido, antes de tudo um *homem de ação*: em *In girum imus nocte et consumimur igni* (1978), um de seus mais belos filmes, nosso autor sentiu a necessidade de repudiar “a mais falsa das lendas” atribuídas a ele, segundo a qual ele seria uma “espécie de teórico das revoluções” (1994, p. 218). Como veremos, para Debord<sup>9</sup>, “nenhuma época viva partiu de uma teoria: primeiro havia um jogo, um conflito, uma viagem” (2006b, p. 1789). Assim como, para os situacionistas<sup>10</sup>, que afirmavam que “a fórmula para revirar o mundo, não a procuramos nos livros, mas errando” (DEBORD, 2006b, p. 1378).

Apesar da tentativa de apreender o objeto do presente estudo como uma “substância sem partes”, centramos a nossa atenção em dois textos de Guy Debord, considerados os principais do ponto de vista de seu acabamento teórico-conceitual: *La société du spectacle* (1967) e *Commentaires sur la société du spectacle* (1988). No presente estudo procuramos tratar de ambos os textos sem perder de vista a *continuidade* teórico-metodológica existente entre eles – diferentemente de outras interpretações acadêmicas que apontam contradições, quando não uma “ruptura”, entre os textos de 1967 e 1988. Encontramos tal continuidade no conjunto de suas

---

coletânea de ensaios à sua memória. Cf. *Moyens sans Fins: notes sur la politique*. Paris: Payot & Rivages, 1995.

<sup>9</sup> A *Sociedade do Espetáculo* foi editada pela primeira vez em novembro de 1967, em Paris, pela Editora Buchet-Chastel. Nesta edição, o autor era apresentado de um modo simples e direto: “Guy Debord é diretor da revista Internacional Situacionista”. Essa simples apresentação, naquele momento, dizia, no entanto, muita coisa. A revista *Internacional Situacionista* já contava com 11 números, desde sua primeira aparição, em 1958. E a organização que a editava, a Internacional Situacionista (IS), era já conhecida por sua intensa e contundente atividade nos meios de vanguarda europeus desde dez anos antes, quando fora fundada, em 1957, em Cosio d’Arroscia (Itália).

<sup>10</sup> O termo “situacionista” aparece pela primeira vez em novembro de 1956, em um ensaio do então jovem Guy-Ernest Debord (aos vinte e cinco anos) chamado “Teoria da deriva”, publicado no nono número da revista pós-surrealista belga *Les Lèvres Nues*: “Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se define como uma técnica de passagem veloz através de ambiências variadas” (Apud BOURSEILLER, 2003, p. 407). Já no sentido da IS, o termo “exprime exatamente o contrário daquilo a que, em português, se chama [...] um partidário da situação existente” (“Le questionnaire”. In: *Internationale Situationniste*, nº 9, [1964] 1997, p. 388. Tradução nossa). É curioso notar como o termo “situacionista” ganharia em língua portuguesa, contemporaneamente, um sentido dissociado daquele formulado pela IS e por Debord particularmente, porém igualmente oriundo do universo artístico de vanguarda, na obra do brasileiro Hélio Oiticica: “Agora, nessa fase da arte *na situação*, de arte antiarte, de ‘arte pós-moderna’ [...] os valores propriamente plásticos tendem a ser absorvidos na plasticidade das estruturas perceptivas e *situacionistas*” (PEDROSA, [1965] 1986, p. 9. Grifos nossos). Entretanto, para os situacionistas, os *happenings* e performances artísticas apresentavam-se senão como imagem invertida da construção de situações perseguida pela IS: “Falamos de recuperação do jogo livre, quando ele é isolado no único terreno da *dissolução artística vivida*” (“L’avant-garde de la présence”. In: *Internationale Situationniste*, nº 8, [1963] 1997, p. 316. Tradução e grifos nossos).

correspondências, no exame de sua filmografia, dos 12 números da revista que dirigiu entre 1958 e 1969, a *Internationale Situationniste*, bem como de importantes circulares políticas e textos teóricos geralmente negligenciados pela maior parte dos intérpretes de Debord, como *O planeta doente* (1971), *A verdadeira cisão na Internacional* (1972), o *Prefácio à quarta edição italiana de A sociedade do espetáculo* (1979), as *Considerações sobre o assassinato de Gérard Lebovici* (1985), *Abat-faim* (1985), *Abirato* (1986), *Abolir* (1987)<sup>11</sup>, *Panegírico*, primeiro (1989) e segundo (1990) tomos, a *Advertência para a terceira edição francesa de A sociedade do espetáculo* (1992) e “*Esta má reputação...*” (1993).

O primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *Aspectos conceituais da crítica*, contém duas subdivisões. Na primeira seção, denominada *Origens, aparências e contradições do espetáculo*, apresentamos os principais conceitos formulados por Debord em *A sociedade do espetáculo* (1967), tais como os de poder “difuso” e “concentrado”. Na segunda seção, intitulada *Modernização e unificação do espetáculo*, apresentamos o conceito de poder “integrado”, formulado nos *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988). Com foco nas aparências e contradições das formações primárias (“difusa” e “concentrada”) do poder na sociedade do espetáculo, neste capítulo tentamos desenredar o processo histórico de modernização que desembocaria na forma mais acabada do poder espetacular “integrado”.

No segundo capítulo, intitulado *Crítica e crise da sociedade do espetáculo*, buscamos elucidar o vínculo entre a crítica debordiana do espetáculo e a crise da sociedade espetacular nas conjunturas críticas de 1968 e 1989. Na seção 2.1., procuramos demonstrar como a crítica de 1967 exerceu uma influência direta sobre a detonação da crise revolucionária de maio-junho de 1968 na França. Também tentamos elucidar, na seção 2.3., a forma como a crítica de 1988 captaria, em seu próprio tempo, o movimento de implosão do “socialismo real”, ao mesmo tempo em que prognosticava a iminência de uma integração do capitalismo propriamente dito em escala global que, a partir de 1989, teria início com a reunificação da Alemanha e a subsequente desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) dois anos depois. A análise que apresentamos dos processos contrarrevolucionários desencadeados na

---

<sup>11</sup> Estes três verbetes foram redigidos para e publicados pela revista *Encyclopédie des Nuisances* [Enciclopédia das Nocividades] (1984-1992).



França e na Itália após as revoluções de 1968 é exposta, na seção 2.2., como *fenômeno originário* (no sentido benjaminiano)<sup>12</sup> deste novo ciclo do espetáculo.

Realizado entre 2015 e 2016, o presente estudo foi concluído entre janeiro e março de 2017, ano do cinquentenário de *A sociedade do espetáculo*, em um contexto histórico no qual a noção de que vivemos em um mundo dominado por imagens já penetrou até mesmo o senso comum. Dilma Rousseff, em seu discurso no plenário do Senado no dia 29 de setembro de 2016, durante a última fase do julgamento de seu *impeachment*, protestou contra o que chamou de “mundo das aparências”, supostamente responsável, em suas palavras, por “encobrir hipocritamente o mundo dos fatos”<sup>13</sup>. Simultaneamente cúmplice e vítima do próprio governo do espetáculo com o qual colaborou ativamente enquanto presidenta do Brasil entre 2011 e 2016, a suposta indignação de Dilma é sintomática de uma tendência à banalização da crítica do espetáculo, detectada pelo próprio Debord em 1988:

O poder do espetáculo, tão essencialmente unitário, centralizador pela força das coisas e de espírito perfeitamente despótico, costuma ficar indignado quando vê constituir-se, sob seu reino, uma política-espetáculo, uma justiça-espetáculo, uma medicina-espetáculo, ou outros tantos surpreendentes “excessos midiáticos” (*Com.*, § III).

Classificados como Tesouro Nacional no ano de 2009, os arquivos pessoais de Debord encontram-se atualmente anexos às coleções do Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França, que em 2013 realizou uma grandiosa exposição aberta ao público contendo parte essencial deles<sup>14</sup>. Tal processo de recuperação da crítica debordiana pelo espetáculo, entretanto, não é novo. A notícia de sua morte em 1994 foi massivamente veiculada – não sem alívio – pela imprensa francesa.

---

<sup>12</sup> “O termo *origem* não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese. O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado. Em cada fenômeno de origem se determina a forma com a qual uma ideia se confronta com o mundo histórico, até que ela atinja sua plenitude na totalidade de sua história. A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história” (BENJAMIN, 1984, pp.67-68).

<sup>13</sup> Discurso integralmente disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-08/confira-integra-do-discurso-de-dilma-em-julgamento-do-impeachment-no-senado>>. Acesso em: 30/09/2016.

<sup>14</sup> Realizada entre 27 de março e 13 de julho de 2013, a exposição denominada *Guy Debord: Un art de la guerre* foi dirigida por Emmanuel Guy e Laurence Le Bras. A Gallimard publicou na ocasião da exposição um dossiê assinado por diversos autores, contendo um epílogo de Alice e um texto inédito de Debord.

Visibilidade oportunista essa, se levarmos em consideração o fato de que, *em vida*, sobretudo a partir de 1968, Debord foi metodicamente caluniado por esta mesma imprensa que, pós-morte, passou a tratá-lo como um dos maiores intelectuais do século.

Sendo o autor de um dos livros de crítica social mais notórios de sua própria época, Debord nunca cedeu entrevista a jornalista algum, da França *et d'ailleurs*, nem jamais foi exprimir-se em nenhuma mídia radiofônica, nem televisiva, um feito sem paralelo entre os quadros intelectuais de uma época centralmente marcada pelo *boom* dos meios de comunicação de massa. A clandestinidade de Guy Debord contrasta antagonicamente com a hiperexposição de seus contemporâneos Baudrillard e Lyotard, vistos pelo velho situacionista senão como dois “impostores do ‘pós-modernismo’”, verdadeiros *clowns midiáticos*<sup>15</sup>. Daí se origina parte da hostilidade quase consensual de toda a intelectualidade francesa contra Debord, particularmente nos meios jornalísticos e acadêmicos. Outra parte advém da hostilidade mais geral da sociedade francesa contra Maio de 68, um evento efetivamente indissociável da figura de Debord. Como ele lembra nos *Comentários*: “Há vinte anos nada é tão dissimulado com mentiras dirigidas quanto a história de maio de 1968” (*Com.*, § VI).

Em 2015, Jean-Marie Apostolidès<sup>16</sup> publica *Debord. O naufrago*<sup>17</sup>, uma falsa biografia justamente qualificada por Gianfranco Sanguinetti<sup>18</sup> como “ruim na intenção, ruim no método e, portanto, muito ruim no resultado”<sup>19</sup>. Ruim na intenção, pois apesar de se apresentar como sendo uma biografia, Apostolidès nem mesmo dissimula que tem

---

<sup>15</sup> Carta a Malcolm Imrie de 21 de janeiro de 1991 (2008, p. 248). Referindo-se ao também “midiático” escritor e crítico literário italiano Umberto Eco (1932-2016), que havia associado, em um artigo no *Libération*, Guy Debord a “uma espécie de Maquiavel ou Clausewitz moderno”, no livro “*Esta má reputação...*” (1993) Debord comenta que “está longe de tomar todos os midiáticos por imbecis, ainda que não se possa duvidar que o sistema tenha feito muito para aumentar a parte de imbecilidade na sociedade, que jamais foi pequena. De resto, não sou daqueles que exageram a parte de responsabilidade direta dos midiáticos, pessoalmente: são apenas assalariados, dos quais poucos se elevam ao statuto de vigaristas [...] [Eco] é um jovem rapaz que irá muito mais longe do que o *Libération*” (1993, p. 84-85. Tradução nossa).

<sup>16</sup> Curiosamente, em 1999, o mesmo Apostolidès publica na França *Les tombeaux de Guy Debord* (As catacumbas de Guy Debord), livro que reúne três estudos simpáticos “sobre a vida e a obra de um escritor maior de nosso tempo” (2006, p. 7. Tradução nossa).

<sup>17</sup> APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *Debord. Le naufrageur*. Paris: Flammarion, 2015.

<sup>18</sup> Gianfranco Sanguinetti (1948 – ) foi o membro mais influente da seção italiana da Internacional Situacionista, e continuou colaborando com Guy Debord mesmo depois de 1972, quando ambos dissolvem a organização. A propósito do itinerário intelectual e político do lendário situacionista, a quem recorreremos frequentemente neste estudo (particularmente na análise da crise sociopolítica italiana entre 1968-78), remeto ao texto de Miguel Amorós, “Brève histoire de la section italienne de l’Internationale Situationniste”. Paris: *Paroles des jours*, 2009. Disponível em: <<http://parolesdesjours.free.fr/situationnismeitalie.pdf>>. Acesso em: 04/04/2016.

<sup>19</sup> “Argent, sexe et pouvoir: à propos d’une fausse biographie de Guy Debord”. In: *Mediapart*, 15/01/2016. Disponível em: <<https://blogs.mediapart.fr/lechatetlasouris/blog/150116/argent-sexe-et-pouvoir-propos-d-une-fausse-biographie-de-guy-debord>>. Acesso em: 01/11/2016.

o objetivo de “trazer à luz uma imagem diferente, ‘negativa’, de Debord”<sup>20</sup>. Curiosa definição de biografia essa que se propõe a “trazer à luz uma imagem”, seja “negativa” ou “positiva” do sujeito biografado, esta sendo antes, como se sabe, função da propaganda.

É tendo em vista esse processo de recuperação e banalização da crítica social do espetáculo que o presente estudo visa contribuir, ao tentar desobstruir este terreno tanto da fúria infamante que continua a ser dirigida contra o seu autor mesmo duas décadas após a sua morte, quanto dos falsos conceitos que atualmente lhe concernem no campo das ciências sociais. Tem, assim, a intenção de funcionar tanto como um *antídoto* contra as “comemorações”<sup>21</sup> positivas preparadas para o ano de 2018, em torno do cinquentenário da derrota do proletariado francês em 1968, como de uma *vacina* contra o esquecimento do aniversário de trinta anos dos tão mal reputados *Comentários* debordianos de 1988. Porque mais do que “comemorar” o aniversário dos cinquenta anos da temível revolta de Maio de 68, aspiramos a *rememorá-la*, isto é: trazê-la de volta.

---

<sup>20</sup> ROUSSEL, Frédérique. “Guy Debord n’a pas été capable d’appliquer dans sa vie les principes qu’il revendiquait en théorie” (entrevista com Jean-Marie Apostolidès). In: *Libération*, 23/12/2015. Disponível em: <[http://next.liberation.fr/livres/2015/12/23/guy-debord-n-a-pas-ete-capable-d-appliquer-dans-sa-vie-les-principes-qu-il-revendiquait-en-theorie\\_1422482](http://next.liberation.fr/livres/2015/12/23/guy-debord-n-a-pas-ete-capable-d-appliquer-dans-sa-vie-les-principes-qu-il-revendiquait-en-theorie_1422482)>. Acesso em: 01/11/2016.

<sup>21</sup> Entre abril e maio de 2008, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) realizou em São Paulo e no Rio de Janeiro um ciclo de filmes e debates sobre Guy Debord e os situacionistas. Cf. CARLOS, Cássio Starling. “Ciclo avalia Debord e os situacionistas”. In: *Folha de S. Paulo*, 8 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0804200814.htm>>. Acesso em: 07/11/2016. Em um artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* de 13 de abril de 2008, o filósofo paulistano Vladimir Safatle relembra que: “Há 40 anos, enquanto revoltas explodiam pelos *campi* do mundo, um livro rapidamente se transformava em referência para a ala mais aguerrida do movimento estudantil francês. Tratava-se de *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord. Seu destino, assim como o destino geral das ideias de seu autor, aparece hoje como um dos legados mais sólidos de maio de 68, já que sua experiência intelectual contribuiu de forma decisiva para a maneira como compreendemos os desafios postos pelas sociedades capitalistas contemporâneas às nossas expectativas de emancipação”. (SAFATLE, Vladimir. “Tudo o que é sólido desmancha-se em imagens espetaculares”. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A novidade do capitalismo globalitário é que ele se tornou um campo aberto de bandidagem – que o diga Bernard Madoff, o grande líder da Nasdaq durante anos. Nas condições de um país periférico, a competição global obriga a uma intensa aceleração que não permite regras de competição que Weber gostaria de louvar. O velho Marx dizia que o sistema não é um sistema de roubo, mas de exploração. Na fase atual, Marx deveria reexaminar seu ditame e dizer: de exploração e roubo. O capitalismo globalitário avassala todas as instituições, rompe todos os limites, dispensa a democracia (Francisco de Oliveira. *O avesso do avesso*, 2010).

Da Itália dos anos 1970 às *Dirty wars* de Obama, o antiterrorismo não é uma lamentável torção em nossos belos princípios democráticos, uma exceção à sua margem, ele é muito mais o *ato constituinte* permanente das democracias contemporâneas (Comitê Invisível. *Aos nossos amigos*, 2014).

Se observarmos a história nos últimos dois séculos, o que predomina é o Estado de exceção. Na verdade, a democracia é que foi excepcional. Não diria que a forma democrática se esgotou, mas, pelo contrário, que ela é um peso grande para o Estado, para as classes dominantes e para o capital financeiro. A democracia atrapalha, ela não facilita o trabalho da política capitalista. Por isso a tendência a reduzir o espaço democrático, tomar medidas de exceção e até mesmo usar o método do golpe, como estamos vendo na América Latina. O golpe no Brasil não é o primeiro. Já tivemos golpes em Honduras e no Paraguai, e possivelmente teremos outro na Venezuela. Isso mostra que a democracia já não está mais sendo útil, que ela está atrapalhando a implantação das políticas neoliberais (Michael Löwy. *Da necessidade de uma política com horizontes utópicos*, 2016).

O debate teórico sobre o estatuto das democracias contemporâneas parece constatar o esgotamento do chamado Estado de direito como paradigma político das sociedades tardoburguesas. A partir dos anos 1990, diversos quadros intelectuais europeus vêm criticando a matriz despótica da dominação capitalista em seu estágio mais avançado. Um debate que de certo modo reatualizou as reflexões dos anos 1920 de Carl Schmitt e Walter Benjamin sobre o Estado de exceção na Alemanha que, inaugurado pelo polêmico artigo 48 da Constituição de Weimar (1919), seria efetivamente aplicado a partir de 1933, primeiramente com a nomeação, no dia 30 de janeiro, de Adolf Hitler para o cargo de chanceler e, um mês depois, em 27 de fevereiro,

com o incêndio do *Reichstag*<sup>191</sup>. Autores como Robert Kurz<sup>192</sup>, Naomi Klein<sup>193</sup>, Noam Chomsky<sup>194</sup> e Giorgio Agamben<sup>195</sup>, parecem identificar, *grosso modo*, na lógica da exceção o “paradigma de governo dominante na política contemporânea” (AGAMBEN, 2004, p. 13).

O alvorecer do século XXI viu a “guerra contra o terrorismo” justificar a adoção de legislações “antiterroristas” não somente nos Estados Unidos como também nas principais democracias da Europa ocidental. O *Patriotic act*<sup>196</sup>, adotado em caráter “emergencial” na ocasião dos ataques de 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center*, seria reautorizado pelo Senado norte-americano em março de 2006, tornando-se, deste modo, um dispositivo jurídico-político de exceção permanente. A chamada *War on Terror* [Guerra contra o Terror] e ao “narcotráfico” (em sua expressão sul-americana) parecem estar servindo de justificativa para uma ampla supressão das liberdades civis, como do próprio estado democrático de direito nas sociedades capitalistas ocidentais<sup>197</sup>.

No Brasil, autores como Roberto Schwarz<sup>198</sup>, Francisco de Oliveira<sup>199</sup>, Wladimir Safatle<sup>200</sup>, Michael Löwy<sup>201</sup> e Paulo Arantes<sup>202</sup>, para ficarmos apenas no âmbito das

---

<sup>191</sup> *Reichstag* é o nome do prédio onde funciona o parlamento federal da Alemanha (*Bundestag*). O incêndio criminoso de suas instalações no dia 27 de fevereiro é considerado um dos fenômenos originários do regime nacional-socialista alemão. Para Salinas, “o chanceler Adolf Hitler aproveitou esses fatos para obter a Lei de Plenos Poderes que lhe permitiu suspender os direitos civis, perseguir os partidos de esquerda, etc” (1996, p. 38). Giorgio Agamben, em sua genealogia do *Estado de exceção* (2003), lembra o fato de que “a história do art. 48 da Constituição de Weimar é tão estreitamente entrelaçada com a história da Alemanha de entre as duas guerras, que não é possível compreender a ascensão de Hitler ao poder sem uma análise preliminar dos usos e abusos desse artigo nos anos que vão de 1919 a 1933” (2004, p. 28).

<sup>192</sup> Cf. KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>193</sup> Cf. KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque: A Ascensão do Capitalismo do Desastre*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

<sup>194</sup> Cf. “Noam Chomsky: ‘No es extraño que a la gente no le entusiasme la democracia’”. In: *El Mundo*, 18/04/2016. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cronica/2016/04/18/57122930ca474118338b45f0.html>. Acesso em: 30/05/2016.

<sup>195</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

<sup>196</sup> Dispositivo de exceção que autoriza, entre outras medidas, a prisão de estrangeiros suspeitos de terrorismo, sem processo nem acusação judicial.

<sup>197</sup> Cf. PAYE, Jean-Claude. *La fin de l'État de Droit. La lutte antiterroriste: de l'état d'exception à la dictature*. Paris: La dispute, 2004.

<sup>198</sup> Cf. SCHWARZ, Roberto. “Prefácio”. In: OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003.

<sup>199</sup> Cf. OLIVEIRA, Francisco de. “O avesso do avesso”. In: OLIVEIRA, Francisco de; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele (org.). *Hegemonia às avessas*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 369-376.

<sup>200</sup> Cf. SAFATLE, Wladimir. “Do uso da violência contra o Estado ilegal”. In: TELES, Edson, SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

reflexões mais críticas do nosso campo científico-social, também vêm se referindo, sobretudo a partir dos anos 2000, à periferia da dinâmica capitalista nos termos de uma “exceção permanente”<sup>203</sup> ou, particularmente, de uma “exceção brasileira”<sup>204</sup>. É notável que o sentido destas preocupações tenha se revelado tão pertinente ao antecipar, pela via negativa de uma “crítica demolidora” (MENEGATE, 2014), tendências autoritárias latentes do último período democrático que, pelo menos até as jornadas de junho de 2013, pareciam afastadas das reflexões acadêmicas sobre a crise sociopolítica em curso no Brasil.

No interior desta dinâmica – da exceção como paradigma de governo dominante tanto no centro como na periferia do capitalismo contemporâneo –, o regime sociopolítico brasileiro se destaca pela manutenção de práticas jurídicas, políticas e econômicas<sup>205</sup> flagrantemente antidemocráticas.

A começar pelo nosso “sistema de mídia”, verificamos que a legislação em vigor no país ainda autoriza o monopólio econômico no setor de comunicações. Diferentemente de outros países do Cone Sul, como Argentina e Equador<sup>206</sup>, que aprovaram leis antimonopólicas a partir de processos participativos de discussão e elaboração reconhecidos por organismos internacionais como marcos regulatórios avançados. O sistema de mídia brasileiro se enquadra no chamado “modelo mediterrâneo” (AZEVEDO, 2006) de França, Grécia, Itália, Portugal e Espanha, países historicamente marcados pela alternância de períodos de autoritarismo e democratização, como o Brasil. Entretanto, o sistema brasileiro guarda características próprias, como o monopólio familiar e a propriedade cruzada dos meios de comunicação de massa (quando o mesmo grupo controla diferentes mídias como tevês, rádios e jornais), a baixa circulação dos jornais associada ao reduzido número de leitores e, como consequência, no plano da grande imprensa, um jornalismo orientado

---

<sup>201</sup> Cf. LÖWY, Michel. “Michael Löwy: ‘O Estado de exceção predomina. A democracia é que foi excepcional’”. In: *Blog da Boitempo*, 30/05/2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/30/michael-lowy-o-estado-de-excecao-predomina-a-democracia-e-que-foi-excepcional/>>. Acesso em: 30/05/2016.

<sup>202</sup> Cf. ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>203</sup> “O subdesenvolvimento viria a ser a forma da exceção permanente do sistema capitalista na sua periferia” (OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 131).

<sup>204</sup> Cf. TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>205</sup> Cf. PAULANI, Leda Maria. “Capitalismo financeiro e estado de emergência econômico no Brasil: o abandono da perspectiva do desenvolvimento”. In: *I Colóquio da Sociedade Latino Americana de Economia Política e Pensamento Crítico*. Santiago (Chile), 2006.

<sup>206</sup> A *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual* da Argentina, de 2010, e a *Ley Orgánica de Comunicación* do Equador, de 2013.

prioritariamente para as elites. Esta configuração limita gravemente a existência da diversidade informativa, fundamental a qualquer regime democrático.

No plano da coerção estatal, verificamos que a Lei Antiterrorismo (13.260/2016) sancionada pela presidenta Dilma Roussef em 17 de março de 2016<sup>207</sup>, veio atualizar a Lei de Segurança Nacional de 1983, expressão jurídica da velha doutrina da Segurança Nacional que “fundamentou” ideologicamente a ditadura instaurada em 1964. A proposta para tipificação do “crime de desordem”, encaminhada ao Senado em fevereiro de 2014 por José Mariano Beltrame<sup>208</sup>, visaria, segundo ele, a garantir “a segurança das manifestações” contra a Copa de 2014<sup>209</sup>. Na prática, a proposta acabaria suspendendo o direito de se manifestar politicamente em nome do direito de se manifestar politicamente.

É importante frisar que tais propostas foram aprovadas em caráter de urgência, na sequência do combate do Estado contra os protestos e manifestações massivas que tomaram o país em Junho de 2013<sup>210</sup>. Para sermos mais precisos, a aprovação da chamada Lei Geral da Copa<sup>211</sup> um ano antes, em junho de 2012, já havia soado o “alarme de incêndio”, conforme a conhecida expressão benjaminiana: as normas contextuais de exceção e modificações legais e administrativas de caráter excepcional como as “zonas limpas” e “áreas de exclusividade” por ela instituídas, sinalizavam a prevalência dos interesses da FIFA (uma associação suíça de direito privado) sobre o interesse público do país que sediou o megaevento futebolístico. Fatos estes, inclusive, concomitantes com o Programa de Pacificação de Favelas aplicado desde 2008 no Rio

---

<sup>207</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13260.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13260.htm)>. Acesso em: 30/05/2016.

<sup>208</sup> Então secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, Beltrame é um ex-agente da Polícia Federal, tendo atuado como “infiltrado” no movimento estudantil gaúcho dos anos 1980. Cf. MARIANO, N., TREZZI, H., WAGNER, C., ETCHICHURY, C. *Os infiltrados – eles eram os olhos e ouvidos da ditadura*. Porto Alegre: Editora AGE, 2011.

<sup>209</sup> MENDES, Priscilla. “Beltrame leva ao Senado proposta de lei para tipificar crime de desordem”. In: *GI Política*. Brasília: 12/02/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/beltrame-leva-ao-senado-proposta-de-lei-para-tipificar-crime-de-desordem.html>>. Acesso em: 30/05/2016.

<sup>210</sup> “A novidade na parte que nos cabe nessa guerra sem fim é que o inimigo foi internalizado. E isto não é pouca coisa, como se pode verificar quando o Manual de Garantia da Lei e da Ordem, baixado pelo Ministério da Defesa, tipificou como ‘forças oponentes’ os manifestantes de Junho”. (ARANTES, Paulo. “No tempo das emergências, uma entrevista com Paulo Arantes”. In: *Blog da Boitempo*, 11/05/2014. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2014/05/11/no-tempo-das-emergencias-uma-entrevista-com-paulo-arantes/>>. Acesso em: 15/06/2014).

<sup>211</sup> A lei nº 12.663 “dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e aos eventos relacionados”. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.html)>. Acesso em: 15/06/2014.

de Janeiro e em consonância com os manuais de contrainsurgência que os Estados Unidos aplicaram no Afeganistão e no Iraque<sup>212</sup>.

Especialmente a partir das jornadas de junho de 2013, a escalada de repressão política do Estado contra os movimentos sociais ganharia intensidade e volume<sup>213</sup>, passando a contar com intimações e prisões arbitrárias como a “detenção para averiguação” (prática extinta desde o fim da ditadura), a abertura de inquéritos sem apuração de crime algum, a censura prévia<sup>214</sup>, o uso policial de armas letais e o abuso das armas menos letais, a vigilância constante da Abin<sup>215</sup>, a presença de policiais à paisana em manifestações e de policiais sem identificação ou identificados por códigos alfanuméricos, como na experiência inovadora da PM paulista. No dia 13 de junho, em São Paulo, manifestantes e jornalistas chegaram a ser presos por portarem vinagre, uma substância usada pelas “forças oponentes” (como o Exército tratou os manifestantes de junho) contra os efeitos do gás de pimenta usado pelas forças estatais.

A propósito, o filósofo paulistano Paulo Arantes observou a existência de um paralelo entre o estado de emergência deflagrado em junho de 2013 e aquele que, em abril de 1964, deslanchou no Brasil uma “contrarrevolução onde não havia revolução”. Em suas palavras:

O Brasil-potência-emergente, que voltou a associar desenvolvimento e segurança, pode muito bem estar instalando, sempre preventivamente, é claro, uma situação de perene contrainsurgência sem insurgência<sup>216</sup>.

Ditas em maio de 2014, as palavras de Paulo Arantes acompanhavam o movimento ascendente da crise sociopolítica detonada um ano antes e que, em maio de 2016 (durante a redação da presente dissertação), passaria pela destituição de Dilma Roussef da Presidência da República – e, de contrabando, pela desmoralização do

---

<sup>212</sup> Em telegrama revelado pelo *Wikileaks*, a diplomacia estadunidense reconhece que “o Programa de Pacificação de Favelas [do Rio de Janeiro] compartilha algumas das características da doutrina e da estratégia de contrainsurgência dos EUA no Afeganistão e no Iraque”. Disponível em: <<http://wikileaks.ch/cable/2009/09/09RIODEJANEIRO329.html>>. Acesso em: 15/06/2014.

<sup>213</sup> Cf. LONGO, Ivan. “Para advogado, manifestação em SP é encarada como “crime organizado””. In: *Spresso SP*, 24/06/2014. Disponível em: <<http://www.spressosp.com.br/2014/06/24/para-advogado-manifestacao-em-sp-e-encarada-como-crime-organizado/>>. Acesso em: 24/06/2014.

<sup>214</sup> Como estabelece a Lei Estadual n. 6.528, de novembro de 2013, conhecida no Rio de Janeiro como a “Lei da Máscara”, por proibir o seu uso em “reunião pública para manifestação de pensamento”. Disponível em: <<http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1036049/lei-6528-13>>. Acesso em: 05/06/2014.

<sup>215</sup> Agência Brasileira de Inteligência.

<sup>216</sup> Cf. ARANTES, Paulo. “No tempo das emergências, uma entrevista com Paulo Arantes”. In: *Blog da Boitempo*, 11/05/2014. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2014/05/11/no-tempo-das-emergencias-uma-entrevista-com-paulo-arantes/>>. Acesso em: 25/05/2014.



projeto sociopolítico encampado pelo PT, acompanhadas da ascensão ao poder federal das alas mais conservadoras e antidemocráticas do PMDB e PSDB. O paralelo entre o estado de “contrarrevolução sem revolução” de 1964-68 e a situação de “contrainsurgência sem insurgência”, a nosso ver corretamente diagnosticado por Arantes em 2014, também se revelaria um bom prognóstico.

Em 18 de julho de 2014, 23 ativistas cariocas (entre membros da FIP<sup>217</sup>, estudantes e professores de sociologia, filosofia e história)<sup>218</sup> seriam presos – sempre preventivamente –, sob a suspeita de “planejar protestos violentos” durante a Copa organizada pela FIFA. Em 12 de janeiro de 2016, a PM de São Paulo chegou a lançar mão de uma tática de repressão condenada pelo próprio manual de conduta da corporação, o *Kettling* (ou Caldeirão de Hamburgo), que consiste em cercar e isolar manifestantes dentro de um cordão policial configurando uma zona de exceção temporária. A tática, explica Camila Marques, advogada da organização de direitos humanos *Artigo 19*, viola o próprio Manual de Controle de Distúrbios Cíveis da Polícia Militar: "Apesar do Caldeirão de Hamburgo ir contra a própria normativa do Estado de São Paulo, a PM vem utilizando essa tática desde 2013, e, desde então, a aprimora nos protestos"<sup>219</sup>.

No dia 15 de fevereiro de 2016, 31 ocupantes do prédio da Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esportes, entre professores e estudantes secundaristas e universitários, também foram presos em Goiânia<sup>220</sup> e, no dia 13 de maio, escolas técnicas e Diretorias de Ensino de São Paulo ocupadas por estudantes tiveram as suas reintegrações de posse autorizadas pela Procuradoria Geral do Estado *sem mandado judicial*, o que resultou na prisão de cerca de quarenta estudantes secundaristas<sup>221</sup>. Sem

---

<sup>217</sup> Frente Independente Popular [do Rio de Janeiro].

<sup>218</sup> Cf. BARREIRA, Gabriel. “Saiba quem são e o que dizem os ativistas presos pela polícia do RJ”. In: *G1 Rio*, 18/07/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/saiba-quem-sao-e-o-que-dizem-os-ativistas-presos-pela-policia-do-rj.html>>. Acesso em: 12/06/2016.

<sup>219</sup> TARDELLI, Brenno. “Tática utilizada em repressão é condenada pelo próprio manual da PM”. In: *Rede Brasil Atual*, 13/01/2016. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/01/tatica-policial-utilizada-em-repressao-e-condenada-pelo-proprio-manual-da-pm-7161.html>>. Acesso em: 23/06/2016.

<sup>220</sup> Cf. BOULOS, Guilherme. “Estado de sítio na educação”. In: *Folha de S. Paulo*, 18/02/2016.

<sup>221</sup> Cf. SANTIAGO, Tatiana. “Governo Alckmin libera reintegração de posse sem mandado judicial”. In: *G1 São Paulo*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/governo-alckmin-libera-reintegracao-de-posse-sem-decisao-judicial.html>>. Acesso em: 21/06/2016.

falar nas chacinas de 2015 ocorridas na região metropolitana de São Paulo, historicamente normalizadas no particular regime brasileiro de exceção permanente<sup>222</sup>.

No dia 13 de junho de 2016, enquanto finalizávamos a redação desta dissertação, o ministro interino da Justiça, Alexandre de Moraes<sup>223</sup>, decidiu impedir a realização de atos administrativos como convênios, assinatura de novos contratos, nomeação de novos servidores de gestão do Ministério da Justiça e Cidadania por noventa dias, afetando principalmente o funcionamento das secretarias de Direitos Humanos, das Mulheres e da Igualdade Racial – exceto das áreas policiais<sup>224</sup>. Além de ter rebaixado o *status* da Secretaria de Direitos Humanos, a medida autoritária e antissocial do governo federal suspendeu também as ações relacionadas à defesa e proteção dos direitos humanos, incluindo crianças e adolescentes, indígenas, refugiados, sistema penitenciário, programas de proteção de vítimas e testemunhas, enfrentamento à homofobia, direitos dos idosos e de pessoas com deficiência, entre outras áreas e programas relevantes vinculados ao Ministério da Justiça. Mais grave ainda seria o fato de que o ato de Alexandre de Moraes – sob os auspícios do presidente interino Michel Temer<sup>225</sup> – fora autorizado apenas um mês depois do estupro coletivo de uma adolescente no Rio de Janeiro<sup>226</sup>. Não nos parece casual que, no mesmo dia em que o decreto entrava em vigor, tenham sido encontrados no sertão da Bahia os corpos carbonizados de um casal de professores homossexuais<sup>227</sup>, enquanto uma liderança

---

<sup>222</sup> Cf. JOZINO, Josmar; MAGALHÃES, Álvaro. “Dez chacinas na Grande SP em 2015 aconteceram após mortes de PMs”. In: *R7 Notícias*, 1/09/2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/dez-chacinas-na-grande-sp-em-2015-aconteceram-apos-mortes-de-pms-01092015>>. Acesso em: 21/06/2016.

<sup>223</sup> Antes de assumir o Ministério da Justiça e Cidadania, o paulista Alexandre de Moraes foi secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Moraes é notoriamente conhecido por sua atuação como advogado em centenas de processos na área civil da Transcooper, uma cooperativa de transporte urbano usada para lavar dinheiro do Primeiro Comando da Capital (PCC). Cf. MACIEL, Edgar; GODOY, Marcelo. “Novo secretário de Alckmin defende cooperativa de van”. In: *O Estado de São Paulo*, 9/01/2015.

<sup>224</sup> Cf. MERLINO, Tatiana. “‘É um ato ditatorial’, afirma defensor de direitos humanos sobre decisão do ministro da Justiça”. In: *Ponte Jornalismo*, 18/06/2016. Disponível em: <<http://ponte.org/e-um-ato-ditatorial-afirma-defensor-de-direitos-humanos-sobre-decisao-do-ministro-da-justica/>>. Acesso em: 22/06/2016.

<sup>225</sup> Michel Temer, assim como Alexandre de Moraes, já foi secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo entre 1984-6, na gestão de Franco Montoro, retornando ao cargo em 1992, convidado pelo então governador Fleury Filho (com a missão espinhosa de “abafar” o Massacre do Carandiru).

<sup>226</sup> Cf. “Vítima de estupro coletivo no Rio é encontrada. Suspeitos são procurados”. In: *R7 Rio*, 25/05/2016. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/vitima-de-estupro-coletivo-em-comunidade-do-rio-e-encontrada-suspeitos-sao-identificados-03062016>>. Acesso em: 22/06/2016.

<sup>227</sup> Cf. “Professores gays carbonizados em carro levam cidade do sertão baiano às ruas”. In: *BBC Brasil*, 14/06/2016. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/professores-gays-carbonizados-em-carro-levam-cidade-do-sertao-baiano-as-ruas.aafd716469f0b3ef46439e499847b368gtfabtna.html>>. Acesso em: 22/06/2016. O fato ocorreu no mesmo final de semana do massacre – motivado por homofobia – contra uma casa noturna de Orlando, nos Estados Unidos.

indígena Guarani Kaiowá era assassinada por fazendeiros no Mato Grosso do Sul<sup>228</sup> e alguns moradores de rua morriam de frio nas ruas de São Paulo<sup>229</sup>. No Rio, o “estado de calamidade pública” decretado pelo governador no mês de junho o autorizava a “adotar medidas *excepcionais* necessárias à racionalização de todos os serviços públicos essenciais, com vistas à realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016”<sup>230</sup>.

Mas a cereja do bolo viria com a entrada em vigor, no dia 30 de junho de 2016, da Política Nacional de Inteligência (PNI), um projeto da Abin engavetado há dezessete anos<sup>231</sup>. Com apenas quinze dias de vigência do PNI, o Ministro da Defesa Raul Jungmann foi à imprensa alardear a informação dos serviços de inteligência de que havia no Brasil, às vésperas das Olimpíadas do Rio, nada menos do que 500 mil “suspeitos de ligação com o terrorismo”<sup>232</sup>.

Com efeito, tal período crítico – que acena para um esgotamento conclusivo da chamada Nova República – parece reconfigurar o papel desempenhado pelo Brasil como laboratório de experimentação sociopolítica, quando o país serviu de modelo para a instauração de outras ditaduras nas principais economias do Cone Sul. Resultado de uma conspiração militar encabeçada pelo general Golbery do Couto e Silva (1911–87) e apoiada tecnicamente pela CIA<sup>233</sup>, o golpe de 1º de abril de 1964 atingiria, com a posse do general Emílio Garrastazu Médici (1905–85), então chefe do SNI<sup>234</sup>, em 30 de outubro de 1969, o ponto de indistinção total onde “o serviço secreto não seria apenas

---

<sup>228</sup> Cf. “Líder indígena Guarani Kaiowá é assassinado por fazendeiros no Mato Grosso do Sul”. In: *Revista Fórum*, 14/06/2016. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/06/14/urgente-lider-indigena-guarani-kaiowa-e-assassinado-por-fazendeiros-no-mato-grosso-do-sul/>>. Acesso em: 22/06/2016.

<sup>229</sup> Cf. “Cinco moradores de rua morrem por causa do frio, diz Arquidiocese de SP”. In: *G1 São Paulo*, 14/06/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/cinco-moradores-de-rua-morrem-por-causa-do-frio-diz-arquidiocese-de-sp.html>>. Acesso em: 22/06/2016.

<sup>230</sup> Cf. “Rio decreta calamidade pública por crise financeira e Olimpíada”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/06/2016. Grifos nossos.

<sup>231</sup> Cf. PEDUZZI, Pedro. “Governo demonstra compromisso em fortalecer inteligência brasileira, diz diretor da Abin”. In: *Agência Brasil*, 30/06/2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/politica/noticia/2016-06/governo-demonstra-compromisso-em-fortalecer-inteligencia-brasileira-diz>>. Acesso em: 04/07/2016.

<sup>232</sup> Cf. RODRIGUES, Mateus. “Governo reúne dados de 500 mil suspeitos de ligação com terrorismo”. In: *G1 Rio de Janeiro*, 15/07/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/governo-reune-dados-de-500-mil-suspeitos-de-ligacao-com-terrorismo.html>>. Acesso em: 20/07/2016.

<sup>233</sup> Cf. FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do Silêncio. A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula (1927-2005)*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

<sup>234</sup> O Serviço Nacional de Informações é o serviço secreto brasileiro, vigente entre 1964-90. A partir de 1990, mudaria de sigla outras três vezes. Foi o efêmero DI (Departamento de Inteligência) entre 1990-92, SSI (Subsecretaria de Inteligência) entre 1992-99 e, desde então, Abin (Agência Brasileira de Inteligência).

mais um órgão da Presidência da República; seria a própria Presidência da República” (FIGUEIREDO, 2005, p. 186).

Desde então, o terrorismo praticado por elementos civis de extrema-direita e acobertados por apêndices do serviço secreto brasileiro<sup>235</sup>, a ação de esquadrões da morte, as infiltrações estatais nas organizações de esquerda e de extrema-esquerda (do movimento estudantil e sindical às células guerrilheiras), chegando à tortura e ao ocultamento sistemático dos cadáveres dos opositores do regime, caçados sob a insígnia do “inimigo interno”, tudo isso consolidaria a assinatura dos regimes espetaculares dos países de “economias mistas mais atrasadas” (*SdE*, § 64) como o Brasil, que importariam as técnicas de governo totalitárias empregadas internamente nos/pelos regimes concentracionários hitlerista e stalinista<sup>236</sup> (como vimos na seção 1.1.) e externamente nos/pelos regimes democrático-liberais de França<sup>237</sup> e Estados Unidos.

Vimos, na seção 2.2. deste trabalho, como Debord identifica a origem do novo ciclo de dominação da sociedade do espetáculo no pós-68, quando os países de economia capitalista mais avançada (principalmente a França e a Itália) passaram a incorporar, na tentativa de frear o avanço das forças revolucionárias liberadas internamente no decurso dos anos 1970, algumas das técnicas de governo empregadas tanto pelos regimes concentracionários de Stalin e Hitler, como pelas ditaduras militares dos países de economia capitalista mais atrasada (como Portugal, Espanha, Grécia, Brasil, Chile e Argentina) – *sem, contudo, uma correlata supressão dos arranjos institucionais do chamado Estado de direito.*

Se quisermos aplicar a crítica teórica do espetáculo à crise sociopolítica brasileira dos anos 2013-6, devemos ler com especial atenção os escritos oitentistas de Debord<sup>238</sup>. Pois o que a crise e o esgotamento da Nova República testemunham é a

---

<sup>235</sup> Criados em 1967 no governo de Costa de Silva, a DSI (Divisão de Segurança e Informações) a ASI (Assessoria de Segurança e Informações) e o CIE (Centro de Informações do Exército) formaram, no final da década de 1960, “uma associação clandestina [...] [que] produziu um dos grupos terroristas de direita mais atuantes da história do país” (FIGUEIREDO, 2005, p. 159).

<sup>236</sup> “O SNI ainda não se transformou numa Gestapo [polícia secreta nazista] ou numa GPU [antecessora do KGB soviético] dos tempos de Hitler e Stalin. Mas começa a engatinhar e mostrar os dentes. Dentro em breve poderá firmar-se em quatro patas. É um filhote de monstro” (MONIZ apud FIGUEIREDO, 2005, p. 147).

<sup>237</sup> A experiência adquirida pelo exército francês nas guerras coloniais da Indochina e da Argélia foi transmitida aos militares brasileiros através de uma estreita cooperação ocorrida durante as décadas de 1950, 60 e 70. Cf. ARAUJO, Rodrigo Nabuco de. *Conquête des esprits et commerce des armes: la diplomatie militaire française au Brésil (1845-1974)*. 2011. 492 f. Tese de Doutorado em História. Université Toulouse le Mirail, Toulouse, 2011.

<sup>238</sup> A recepção das ideias de Guy Debord no Brasil é tardia em relação a outros países sul-americanos, como a Argentina, que desde 1976 contava com uma tradução publicada em uma edição pirata de *A sociedade do espetáculo* (Cf. Carta de Guy Debord a Jesus Castellote de 5 de janeiro de 1978, 2005, p.

entrada definitiva do Brasil na era do espetáculo integrado. Infelizmente, porém, a nossa época não conta mais com a capacidade de antecipação histórica e crítica de um grande estrategista como Guy Debord. A ausência de uma visão antecipadora e emancipatória como a sua nestes tempos resulta num grave *déficit* para as forças sociais que lutam para evitar o acúmulo de catástrofes futuras que, lamentavelmente, já projetam a sua sombra sobre o presente. Porém, como Debord gostava de dizer, prospectivamente: “Os lamentos são vãos”<sup>239</sup>.

---

449). No Brasil, a primeira tradução saiu pela editora Contraponto em julho de 1997, numa edição que reúne quatro importantes textos de Debord: *A sociedade do espetáculo* (1967), a *Advertência da edição francesa de 1992*, o *Prefácio à 4ª edição italiana de A sociedade do espetáculo* (1979) e os *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988). Assim, o leitor brasileiro pôde ler os *Comentários* três anos antes do leitor chinês que, junto ao leitor russo, eram os mais visados por Debord na crítica de 1988 (sobretudo após a crise de 1989), conforme atesta uma carta de 12 de setembro de 1990 a Paolo Salvadori (Cf. *Correspondance vol. 7*, 2008, p. 217). Em novembro de 2001, surge na Internet uma tradução do Coletivo *Acrático Proposta* de Campinas (SP), acrescida de uma introdução de Emiliano Aquino à crítica teórica e prática de Guy Debord e da Internacional Situacionista. Em 2006, E. Aquino publica uma parte de sua tese de doutorado em filosofia, intitulada *Reificação e linguagem em Guy Debord*: um rigoroso estudo acadêmico que deslocaria o centro receptor da crítica debordiana da Alemanha para o Brasil, apresentando uma interpretação rigorosamente fiel às aspirações intelectuais originais de Debord, em polêmica com a interpretação dos teóricos “críticos do valor” Anselm Jappe e Robert Kurz – ligados ao grupo *Exit!* – formado em 2004 a partir de uma cisão do grupo *Krisis* (1989-2004). O filósofo Anselm Jappe é autor de um estudo pioneiro sobre o pensamento de Guy Debord, publicado na Alemanha em 1992 e no Brasil em 1999. Nessa época, os cearenses Emiliano Aquino e Ilana Amaral constituíram em Fortaleza uma corrente de luta fortemente inspirada pela crítica situacionista, a partir de uma cisão do *Partido da Libertação Proletária* (PLP), chamada *Contra a Corrente* (CaC), mais tarde *Proletarizados Contra a Corrente* (entre 1999 e 2001). Os quatro últimos números dessa revista (do 9 ao 12) marcam um afastamento definitivo da corrente com suas origens trotskistas, além de uma fecunda recusa em se identificar com qualquer forma de ideologia, principalmente as ditas “revolucionárias”: “Se somos inimig@s da economia política e recusamos os rótulos ideológicos, assim o somos apenas na medida em que compreendemos o nosso esforço de negação, também ele, como parte desta negação que é, em sua radicalidade, negação do mundo da economia política; negação que é de muit@s. E, sendo de muit@s, não é de nenhum corpo de especialistas; não parte, portanto, de nenhum saber separado, de nenhuma ideologia. E tampouco chega a nenhum saber separado, a nenhuma enunciação por pouc@s daquilo que é feito por muit@s” (AMARAL, Ilana. “Por que não somos marxistas antiestado, anarquistas, autonomistas, situacionistas, conselhistas... mas, simplesmente, inimig@s da economia política”. In: *Proletarizados contra a corrente*, n° 12, set/dez de 2001. Disponível em: <<https://www.inventati.org/contraacorrente/index.html>>. Acesso em: 31/10/2016). Em 2002, a Editora Conrad (SP) publica pela coleção “Baderna” o livro *A arte de viver para as novas gerações* (1967), do situacionista belga Raoul Vaneigem, além de uma pequena antologia com quatro textos da IS. Entre 1999 e 2004, ecos da crítica situacionista se fizeram presentes no movimento antiglobalização paulistano que “nasceu da convergência de outros dois movimentos que surgiram ou reemergiram nos anos 1980: o movimento estudantil independente e autogestionário e o movimento anarquista propriamente dito” (ORTELLADO, Pablo. “Sobre a passagem de um grupo de pessoas por um breve período da história”. In: *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004, p. 9).

<sup>239</sup> “Notes sur la question des immigrés” [Carta a Mezioud Ouldamer, dezembro de 1985]. In: *Œuvres*, 2006b, p. 1588.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABSE, Tobias. “Itália: uma nova agenda”. In: ANDERSON, Perry; CAMILLER, Patrick. *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *Moyens sans Fins: notes sur la politique*. Paris: Payot & Rivages, 1995.

\_\_\_\_\_. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: *A coisa perdida: Agamben comenta Caproni*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. “O príncipe e o sapo: o problema do método em Adorno e Benjamin”. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. *Signatura rerum: sur la méthode*. Paris: Vrin, 2014.

AMARAL, Ilana. “Por que não somos marxistas antiestado, anarquistas, autonomistas, situacionistas, conselhistas... mas, simplesmente, inimig@s da economia política”. In: *Proletarizados contra a corrente*, n° 12, set/dez de 2001. Disponível em: <<https://www.inventati.org/contracorrente/index.html>>. Acesso em: 31/10/2016.

AMORÓS, Miguel. “Brève histoire de la section italienne de l’Internationale Situationniste”. Paris: *Paroles des jours*, 2009. Disponível em: <<http://parolesdesjours.free.fr/situationnismeitalie.pdf>>. Acesso em: 04/04/2016.

\_\_\_\_\_. “La révolution maintenant et toujours” (Préface à la réédition de *Manuscrito encontrado en Vitoria*), 2014. Disponível em: <<http://losincontrolados.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14/11/2016.

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *Les tombeaux de Guy Debord*. Paris: Flammarion, 2006.

\_\_\_\_\_. *Debord. Le naufrageur*. Paris: Flammarion, 2015.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. *Reificação e linguagem em Guy Debord*. Fortaleza: EdUECE/Unifor, 2006.

\_\_\_\_\_. “Cooperação complexa e aparência ‘pós-moderna’”. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. *Marx no século XXI*. São Paulo: Cortez Editora, 2008, pp. 09-28.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

\_\_\_\_\_. “No tempo das emergências, uma entrevista com Paulo Arantes”. In: *Blog da Boitempo*, 11/05/2014. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2014/05/11/no-tempo-das-emergencias-uma-entrevista-com-paulo-arantes/>>. Acesso em: 25/05/2014.

ARAÚJO, Rodrigo Nabuco de. *Conquête des esprits et commerce des armes: la diplomatie militaire française au Brésil (1845-1974)*. 2011. 492 f. Tese (Doutorado em História). Université Toulouse le Mirail, Toulouse, 2011.

ARENDETT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUTHIER, Denis. *A esquerda alemã (1918-1920). “Doença infantil” ou revolução?* Porto: Afrontamento, 1975.

AZEVEDO, Fernando Antônio. “Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político”. In: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 12, n. 1, 2006, p. 88-113.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

\_\_\_\_\_. *A reunificação da Alemanha*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Segunda Guerra Fria. Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BASCETTA, Marco et ali. “Itália, 1960-1981: un laboratorio político de la lucha de classes en la metrópole capitalista”. In: NEGRI, Antonio. *Los libros de la autonomía obrera*. Madrid: Akal, 2004.

BASSETS, Marc. “Para a CIA, a Rússia interferiu na campanha a favor de Donald Trump”. In: *El País*, 10/12/2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/09/internacional/1481306501\\_753326.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/09/internacional/1481306501_753326.html)>. Acesso em: 10/12/2016.

BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation*. Paris: Gallimard, 1970.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENSAÏD, Daniel. *Un nouveau théologien: Bernard-Henri Lévy*. Paris: Éditions Lignes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Guy Debord ou le spectacle, stade suprême du fétichisme marchand*, 2011. Disponível em: <<http://danielbensaid.org/Le-spectacle-stade-ultime-du?lang=fr>>. Acesso em: 24 de junho de 2015.

BERNARDO, João. *Capital, sindicatos, gestores*. São Paulo: Edições Vértice, 1987.

\_\_\_\_\_. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

BERKMAN, Alexandre. *La rébellion de Kronstadt, 1921*. Paris: La Digitale, 2007.

BERMAN, Russell et al. “The society of the spectacle 20 years later: a discussion”. In: *Telos*, n° 86, Winter, 1990/1991, pp. 81-100.

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

BEY, Hakim. *The ontological status of conspiracy theory* [2011]. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/hakim-bey-the-ontological-status-of-conspiracy-theory>>. Acesso em: 10/11/2016.

BIGO, Didier; DOBRY, Michel. “Editorial - L'interpénétration des jeux mafieux et politiques”. In: *Cultures & Conflits*, 03/10/1991. Disponível em: <<http://conflits.revues.org/2014>>. Acesso em: 15/05/2015.

BOBBIO, Norberto. *Democracia e segredo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BOLTANSKI, Luc. *Énigmes et complots: une enquête à propos d'enquêtes*. Paris: Gallimard, 2012.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOUNAN, Michel. *Logique du terrorisme*. Paris: Allia, 2003.

BOURSEILLER, Christophe. *Vie et Mort de Guy Debord*. Paris: Éditions Plon, 1999.

\_\_\_\_\_. *Histoire Générale de l'ultra-gauche*. Paris : Denoël, 2003.

CABORET, D.; DUMONTIER, P.; GARRONE, P.; LABARRIÈRE, R. *Contre l'E.D.N. Contribution à une critique du situationnisme*. Paris, 2001. Disponível em: <<http://laguerredelaliberte.free.fr/doc/cedn.pdf>>. Acesso em: 25/07/2015.

CAMPBELL, Duncan. *Surveillance Électronique Planétaire*. Paris: Allia, 2007.

CARDINA, Miguel. *A tradição da contestação*. Coimbra: Angelus Novus, 2008.

CARNEVALI, Barbara. *Le apparenze sociali*. Bologna: Il Mulino, 2012.

CASTORIADIS, Cornelius. *A sociedade burocrática I. As relações de produção na Rússia*. Porto: Afrontamento, 1979.

CHOMSKY, Noam. “Noam Chomsky: ‘No es extraño que a la gente no le entusiasme la democracia’”. In: *El Mundo*, 18/04/2016. Disponível em:



<<http://www.elmundo.es/cronica/2016/04/18/57122930ca474118338b45f0.html>>.

Acesso em: 30/05/2016.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. “Introdução: em torno do conceito de sociedade do espetáculo”. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto, CASTRO, Valdir José de. (orgs.) *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 13-30.

COHN-BENDIT, Daniel. *Le gauchisme. Remède à la maladie sénile du communisme*. Paris: Seuil, 1968.

DEBORD, Guy. “*Cette mauvaise réputation...*”. Paris: Gallimard, 1993.

\_\_\_\_\_. *Œuvres cinématographiques complètes (1952-1978)*. Paris: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. *Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo*. Lisboa: Fenda, 1995.

\_\_\_\_\_. *A sociedade do espetáculo; Prefácio à 4ª edição italiana de A sociedade do espetáculo; Comentários sobre A sociedade do espetáculo [1967, 1979, 1988]*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 1 (1957-1960)*. Paris: Fayard, 2001.

\_\_\_\_\_. *Panegírico vol. 1 [1989]*. São Paulo: Conrad, 2002.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 3 (1965-1968)*. Paris: Fayard, 2003.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 4 (1969-1972)*. Paris: Fayard, 2004.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 5 (1973-1978)*. Paris: Fayard, 2005.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 6 (1979-1987)*. Paris: Fayard, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Rapport sur la construction des situations...* [1956]. Paris: Mille et une nuits, 2006c.

\_\_\_\_\_. *Correspondance vol. 7 (1988-1994)*. Paris: Fayard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Enregistrements magnétiques (1952-1961)*. Paris: Gallimard, 2010.

DOBRY, Michel. *Sociologie des crises politiques [1986]*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

DUCLERT, Vincent. “Le secret em politique au risque des archives? Les archives au risque du secret politique. Une histoire archivistique française”. In: *Matériaux pour l'histoire de notre temps, Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine*, n° 58, abril-junho, 2000.

- EAGLETON, Terry. *A tarefa do crítico*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Les rêveurs de l'absolu*. Paris: Allia, 1998.
- ERIBON, Didier. *D'une révolution conservatrice et de ses effets sur la gauche française*. Paris: Éditions Leo Scheer, 2007.
- FICO, Carlos. *O Grande Irmão. Da operação brother sam aos anos de chumbo: O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do Silêncio. A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula (1927-2005)*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FILHO, João Freire. "A sociedade do espetáculo revisitada". In: *Famecos*, n° 22, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREDERICO, Celso. "Debord: do espetáculo ao simulacro". In: *Matrizes*, v. 4 n°, 2010.
- GANSER, Daniele. *Les armées secrètes de l'Otan: Réseaux stay-behind, opération Gladio et terrorisme dans l'Europe de l'Ouest*. Paris: Éditions Demi Lune, 2007.
- GIACCHÉ, Vladimiro. *La fabbrica del falso – Strategie dela menzogna nella politica contemporanea*. Roma: Derive Approdi, 2011.
- GIRAUD, Claude. *Du secret. Contribution à une sociologie de l'autorité et de l'engagement*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- GOMBIN, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1972.
- GRÉMION, Pierre. "Les sociologues et mai 68". In: *Le débat: Mai 68, quarante ans après*, n° 149. Paris: Gallimard, 2008, pp. 20-36.
- GUILBERT, Cécile. *Pour Guy Debord*. Paris: Gallimard, 1996.
- HENRIQUES, Júlio. "Um jornal diferente". In: *O futuro era agora. O movimento popular do 25 de Abril*. Lisboa: Edições Dinossauro, s/d, pp. 52-54.
- HIRST, Paul. "O Estado, a sociedade civil e o colapso do socialismo soviético". In: *A democracia representativa e seus limites*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Baderna situacionista: teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. *Section italienne de l'Internationale Situationniste. Écrits complets (1969-1972)*. Paris: Éditions Contre-Moule, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Internationale Situationniste (1958-1969). Texte integral des 12 numéros de la revue*. Paris: Fayard, 1997.

\_\_\_\_\_. *Enragés et situationnistes dans le mouvement des occupations*. Paris: Éditions Gallimard, 1998.

\_\_\_\_\_. *Section américaine de l'Internationale. Écrits*. Paris: CMDE, 2012.

INVISIBLE, Comité. *A nos amis*. Paris: La fabrique, 2014.

JAMESON, Fredric. “Réification et utopie dans la culture de masse”. In: *Études françaises*, vol. 19, 1983, p. 121-138. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/036807ar>>. Acesso em 22/03/2015.

JAPPE, Anselm. “O mercado absurdo dos homens sem qualidades”. In: KURZ, Robert. *Os últimos combates*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

JORN, Asger. “Guy Debord e a questão do maldito” (Posfácio). DEBORD, Guy. *Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo*. Lisboa: Fenda, 1984, p. 79.

KAUFMANN, Vincent. “Nouveau théâtre d'opérations (1972-1988)”. In: *Guy Debord Œuvres*, Paris: Gallimard, 2006.

KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque - A Ascensão do Capitalismo do Desastre*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

KNABB, Ken. “Un bref guide de l'image situationniste anglo-américaine”. In: *Bureau of public secrets*, 1976. Disponível em: <<http://www.bopsecrets.org/French/situimage.htm>>. Acesso em: 09/01/2017.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KRAUS, Karl. *Die chinesische Mauer*. Frankfurt: Suhrkamp, 1987.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os últimos combates*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. “A sociedade do espetáculo trinta anos depois”. In: JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

LAURENT, Sébastien. “Pour une histoire de l'état: le secret, l'information politique et le renseignement”. In: *Vingtième siècle. Revue d'histoire*. 2004, n° 83.

LEBOVICI, Gérard. *Tout sur le personnage*. Paris: Champ Libre, 1984.

LEFEBVRE, Henri. *Position: contre les technocrates*. Paris : Éditions Gauthier, 1967.

\_\_\_\_\_. “Sobre uma interpretação do marxismo: Louis Althusser”. In: LEFEBVRE, H.; GOLDMANN, L.; e MAKARIUS, L. *Debate sobre o estruturalismo*. São Paulo: Documentos, 1968.

LEFORT, Claude. “Le parti situationniste”. In: *Le temps présent. Écrits (1945-2005)*. Paris: Éditions Belin, 2007.

LENIN, Vladimir Ilitch. “Acerca do infantilismo de esquerda e do espírito pequeno-burguês”, 1918. In: *Arquivo marxista na internet*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/05/05.htm>>. Acesso em: 09/10/2016.

LOSURDO, Domenico. *La sinistra assente. Crisi, società dello spettacolo, guerra*. Roma: Carocci, 2014.

LÖWY, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. *Un possible intempestif*, 2011. Disponível em: <<http://danielbensaid.org/Un-possible-intempestif?lang=fr>>. Acesso em: 24/10/2016.

\_\_\_\_\_. “Michael Löwy: ‘O Estado de exceção predomina. A democracia é que foi excepcional’”. In: *Blog da Boitempo*, 30/05/2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/30/michael-lowy-o-estado-de-excecao-predomina-a-democracia-e-que-foi-excepcional/>>. Acesso em: 30/05/2016.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARIANO, N., TREZZI, H., WAGNER, C., ETCHICHURY, C. *Os infiltrados – eles eram os olhos e ouvidos da ditadura*. Porto Alegre: Editora AGE, 2011.

MARQUES, Pedro Piedade. “Fernando de Bentley”, *Guy Debord e a edição portuguesa de “A Sociedade do Espectáculo”*. Lisboa, 2015. Disponível em: <<https://pedromarquesdg.wordpress.com/2015/03/19/fernando-de-bentley-guy-debord-e-a-edicao-portuguesa-de-a-sociedade-do-espectaculo/>>. Acesso em: 08/07/2016.

MARTOS, Jean-François. *Histoire de L’Internationale Situationniste*. Paris: Ivrea, 1995.

MARX, Karl. “Correspondance de Marx sur Proudhon”. *Œuvres Choisies*, tome II. Paris: Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. “Para a crítica da economia política”. In: Marx: *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

- MASCARO, Alysson Leandro. *Estado e forma política*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MATEO, Fabrice de San. “Les situationnistes aux États-Unis” (Préface). In: SITUATIONNISTE, Internationale. *Section américaine de l’Internationale. Écrits*. Paris: CMDE, 2012.
- MENEGATE, Marildo. “Um intelectual diante da barbárie” (Prefácio). In: ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MORIN, Edgar. “Pour une crisologie”. In: *Communications*, n° 25, 1976, pp. 149-163.
- NEGRI, Toni. “Rua 8 de fevereiro? Não! Rua 7 de abril”. In: *Carta Maior*, 8/4/2009. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Rua-8-de-Fevereiro-Nao-Rua-7-de-Abril%0D%0A/6/15147>>. Acesso em: 22/09/2016.
- NETTO, José Paulo. “Posfácio”. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OBERT, Caroline. “Transparence et secret: l’accès aux archives contemporaines”. In: *Vingtième siècle. Revue d’histoire*. 1996, n° 52.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. “O avesso do avesso”. In: OLIVEIRA, Francisco de; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele (org.). *Hegemonia às avessas*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 369-376.
- ORTELLADO, Pablo. “Sobre a passagem de um grupo de pessoas por um breve período da história”. In: *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.
- PADIS, Marc-Olivier. “La passion du complot”. In: *Esprit*, n° 419, 2015.
- PAULANI, Leda Maria. “Capitalismo financeiro e estado de emergência econômico no Brasil: o abandono da perspectiva do desenvolvimento”. In: *I Colóquio da Sociedade Latino Americana de Economia Política e Pensamento Crítico*. Santiago (Chile), 2006.
- PAYE, Jean-Claude. *La fin de l’État de Droit. La lutte antiterroriste: de l’état d’exception à la dictature*. Paris: La Dispute, 2004.
- \_\_\_\_\_. “The prevention security act britannique du 11 mars 2005”. In: *Revue trimestrielle des droits de l’homme*. Paris, 2005, pp. 635-647.
- PEDROSA, Mário. “Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica”. In: OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

PERNIOLA, Mario. *Os situacionistas: o movimento que profetizou a “Sociedade do espetáculo”* [1972]. São Paulo: Annablume, 2009.

RAMALHO, Maria de Magalhães. *Realizar a Poesia. Guy Debord e a Revolução de Abril*. Lisboa, 2014. Disponível em: <[http://www.revistapunkto.com/2014/11/realizar-poesia-guy-debord-e-revolucao\\_30.html](http://www.revistapunkto.com/2014/11/realizar-poesia-guy-debord-e-revolucao_30.html)>. Acesso em 16/12/2015.

RAMONET, Ignácio. “Liberdade para Julian Assange”. In: *Outras Palavras*, 6/07/2016. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/capa/liberdade-para-julian-assange/>>. Acesso em: 06/07/2016.

REIS, Léa Maria Aarão. “Falsa democracia é produto de exportação americano”. In: *Carta Maior*, 20/10/2016. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Falsa-democracia-e-produto-de-exportacao-americano/4/37038>>. Acesso em: 24/10/2016.

RICE-MAXIMIN, Edward. *Accommodation and Resistance: The French Left, Indochina and the Cold War 1944–1954*. New York: Greenwood Press, 1986.

ROSS, George; JENSON, Jane. “França: triunfo e tragédia”. In: ANDERSON, Perry; CAMILLER, Patrick. *Um mapa da esquerda na Europa Ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

SAFATLE, Wladimir. “Tudo o que é sólido desmancha-se em imagens espetaculares”. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. “Do uso da violência contra o Estado ilegal”. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

SALINAS, Samuel Sérgio. *Antes da Tormenta: Origens da Segunda Guerra Mundial, 1918 – 1939*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SANGUINETTI, Gianfranco. *Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie* [1975]. Paris: Champ Libre, 1976.

\_\_\_\_\_. “Preuves de l’inexistence de Censor, par son auteur” [1975]. In: *Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie* [1975]. Paris: Champ Libre, 1976.

\_\_\_\_\_. *Do terrorismo e do Estado* [1979]. Lisboa: Antígona, 1981.

\_\_\_\_\_. “Prefácio à edição francesa” [1980]. In: *Do terrorismo e do Estado* [1979]. Lisboa: Antígona, 1981.

\_\_\_\_\_. “Argent, sexe et pouvoir: a propos d’une fausse biographie de Guy Debord”. In: *Mediapart*, 15/01/2016. Disponível em: <<https://blogs.mediapart.fr/lechatetlasouris/blog/150116/argent-sexe-et-pouvoir-propos-d-une-fausse-biographie-de-guy-debord>>. Acesso em: 01/11/2016.

SCHIFRES, Sebastian. *Le mouvement autonome en Italie et en France (1973-1984)*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Université Paris VIII, Paris, 2008.

SCHMITT, Carl. *La dictadura: desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberanía hasta la lucha de clases proletaria*. Madrid: Alianza, 1985.

SCHWARZ, Roberto. “Prefácio”. In: OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

TEMPS CRITIQUES. “Las théories du complot: Debord, Sanguinetti et le terrorisme”. Disponível em: <<http://tempscritiques.free.fr/spip.php?article19>>. Acesso em: 18/04/2016.

TIQQUN. *Tout a failli, vive le communisme!* Paris: La Fabrique, 2006.

TRAVERSO, Enzo. *Le Totalitarisme*. Paris: Seuil, 2001.

TRESPEUCH, Anna. “L'Internationale situationniste: d'autres horizons de revolte”. In: *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, 2/2009, n° 94, pp. 10-15. Disponível em: <[www.cairn.info/revue-materiaux-pour-l-histoire-de-notre-temps-2009-2-page-10.htm](http://www.cairn.info/revue-materiaux-pour-l-histoire-de-notre-temps-2009-2-page-10.htm)>. Acesso em: 25/03/2016.

VALLE, Maria Ribeiro do. *A violência revolucionária em Hannah Arendt e Herbert Marcuse*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

VINCENT-CAMPION, Véronique. *La société parano*. Paris: Allia, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. “A reestruturação capitalista e o sistema mundial”. In: *Perspectivas*. São Paulo, n° 20/21, 1997/98, pp. 249-67.

WOODWARD, Bob. *Veil: As guerras secretas da CIA (1981 – 1987)*. São Paulo: Best Seller, 1987.